

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS

Centro de Artes

Curso de Licenciatura em Teatro



Trabalho de Conclusão de Curso

Incestos e relações proibidas:

Uma análise da censura da peça "Álbum de Família" de Nelson Rodrigues

Viviane da Silva Lauz

Pelotas, 2018

Viviane da Silva Lauz

Incestos e relações proibidas:

Uma análise da censura da peça "Álbum de Família" de Nelson Rodrigues

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Faculdade de Teatro da
Universidade Federal de Pelotas, como
requisito parcial à obtenção do título de
Licenciatura em Teatro.

Orientador: Prof. Dr. Daniel Furtado

Pelotas, 2018

Viviane da Silva Lauz

Incestos e relações proibidas:

Uma análise da censura da peça "Álbum de Família" de Nelson Rodrigues

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado, como requisito parcial, para obtenção do grau de Licenciatura em Teatro Faculdade de Teatro, Universidade Federal de Pelotas.

Data da Defesa: 2 de março de 2018.

Banca examinadora:

.....
Prof. Dr. Daniel Furtado Simões da Silva (Orientador)

Doutor em Artes pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

.....
Prof. Dr. Ney Roberto Vattino Bruck

Doutor em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS)

.....
Prof. Dr. Paulo José Germany Gaiger

Doutor em Ocio y Potencial Humano pela Universidad de Deusto

Agradecimentos

Agradeço primeiramente a Deus, por ter iluminado a minha vida, colocando no meu caminho a arte.

Ao Prof. Dr. Daniel Furtado, que me orientou na realização deste trabalho e que se fez companheiro em todos os momentos.

A minha família que além do constante apoio afetivo, suporte e incentivo nos momentos de dificuldade e fraqueza, se empenharam diretamente na realização deste trabalho.

Em especial à minha mãe e meu irmão, que muito amor e muito conforto me deram desde que vim a este planeta; que me apoiaram (e apóiam) em todos os passos que eu decido dar;

Ao meu tio Paulo, que tanto me apóia e me ajuda em cada passo;

À minha madrinha Maria Luisa Mello;

À amiga Ana Rita Pfuller da Silva;

Ao meu tio Fernando Silva e meu primo Maurício Silva;

À minha chefe e diretora da escola Deogar Soares Nara Lisete Pereira que sempre me apoiou em todos os momentos para que eu conseguisse conciliar o serviço com a faculdade;

À prima Andressa;

À amiga e professora Fernanda dos Santos Cardoso;

Ao meu grande amigo Márcio Machado;

À amiga Manuelle Bica;

Aos professores Paulo Gaiger e Ney Bruck por aceitarem meu convite em fazer parte da minha banca meu eterno carinho.

A todos os demais que contribuíram para a realização deste trabalho.

“A arte existe porque a vida não basta”

(Ferreira Gullar)

Resumo

LAUZ, Viviane da Silva. **Incestos e relações proibidas**: Uma análise da censura da peça *Álbum de Família* de Nelson Rodrigues. 2018. 43fl. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Teatro) – Faculdade de Teatro, Centro de Artes, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2018.

O presente trabalho tem como objetivo analisar a peça *Álbum de Família*, escrita por Nelson Rodrigues em 1945 e publicada em 1946. A obra, que ficou interdita pela Censura até 1965, sendo representada pela primeira vez em 1967, inaugurou, segundo o próprio autor, o chamado “teatro desagradável” em sua carreira e o fez padecer com a vaia do público. Levando em conta a análise de Sábato Magaldi, que considera *Álbum de Família* uma de suas “peças míticas”. Podemos observar que a peça expõe ao espectador uma sociedade hipócrita, tratando de assuntos como amor, desejos proibidos e sexo. Este trabalho centra-se no estudo das relações incestuosas e proibidas desta peça levando em consideração os textos de Freud sobre o assunto, assim como em sua recepção por uma crítica que na época era ditada pelo conservadorismo, o que acabou acarretando a censura de *Álbum de Família*.

Palavras - chave: Nelson Rodrigues; *Álbum de Família*; Censura; Incesto; Teatro Desagradável;

Resumen

LAUZ, Viviane da Silva. **Incestos y relaciones prohibidas:** Un análisis de la censura de la pieza *Álbum de Familia* de Nelson Rodrigues. 2018. 43fl. Trabajo de Conclusión de Curso (Licenciatura em Teatro) - Facultad de Teatro, Centro de Artes, Universidad Federal de Pelotas, Pelotas, 2018.

El susodicho trabajo tiene como objetivo analizar la pieza *Álbum de Familia*, escrita por Nelson Rodrigues en 1945 y publicada en 1946. La obra, que fue vedada por la censura hasta 1965, fue representada por primera vez en 1967 inauguró, según el propio autor, el llamado “teatro desagradable” en su carrera y lo hizo padecer con el abucheo del público. Al tener en cuenta el análisis de Sábato Magaldi, que considera *Álbum de Familia* una de sus “piezas míticas”, podemos observar que la pieza expone al espectador una sociedad hipócrita, al tratar de asuntos como amor, deseos prohibidos y sexo. Este trabajo se concentra en el estudio de las relaciones incestuosas y prohibidas de esta pieza al tener en consideración los textos de Freud sobre el asunto, así como en su recepción por una crítica que en la época era dictada por el conservadorismo, lo que causó la censura de *Álbum de Familia*.

Palabras-clave: Nelson Rodrigues; *Álbum de Familia*; censura; incesto; teatro desagradable

Sumário

1	Introdução.....	10
2	Análise de <i>Álbum de Família</i>.....	13
3	Incestos e relações proibidas.....	21
3.1	Incesto e Tabu.....	21
3.2	As relações proibidas dentro de “<i>Álbum de Família</i>”..	25
3.2.1	Edmundo e D. Senhorinha.....	25
3.2.2	Guilherme e Glória.....	27
3.2.3	Jonas e Glória.....	29
3.2.4	Senhorinha e Nonô.....	31
4	A censura, a recepção da peça e o "Teatro Desagradável"	32
4.1	Censura.....	32
4.2	A recepção da peça, de um “Teatro Desagradável”.....	35
5	Considerações finais.....	38
	Referências.....	40

1. Introdução

Escrita em 1945 e publicada em 1946 pelo dramaturgo Nelson Rodrigues, *Álbum de Família*, ficou interdita pela Censura por 19 anos e somente dois anos depois sua liberação, em 1965, ela foi encenada na cidade do Rio de Janeiro no Teatro Jovem, dirigida por Kleber Santos. Sua proibição aconteceu por ser uma peça que “preconizava o incesto”, o que causou muita polêmica e debate na crítica teatral, já que há um horror às práticas sexuais entre parentes consangüíneos, embora o incesto não seja “[...] um acontecimento raro nem mesmo na sociedade de hoje, e quando a experiência histórica sabe de casos em que o matrimônio incestuoso de pessoas privilegiadas era um preceito.” (FREUD, 2016, p. 126).

A escolha dessa obra para compor esta pesquisa tem como motivo a importância do trabalho do dramaturgo e também a repercussão que Nelson sempre gerou perante a crítica teatral. Nelson Rodrigues se destacou por desmascarar o ser humano real, cru, usando seus textos como subterfúgio para expor essa realidade. Criador de um universo dramático genial, Nelson nasceu em 23 de Agosto de 1912, na cidade de Recife. Com cinco anos de idade mudou-se com a família para o Rio de Janeiro e passaram sua infância e adolescência vivendo a realidade da zona norte da cidade, que foi inspiração para suas histórias trágicas e personagens extasiantes, frutos de suas lembranças. Nelson faleceu dia 21 de Dezembro de 1980, vítima de uma trombose e insuficiência respiratória e cardíaca.

Após pesquisar suas peças, comprovei que o incesto é um tema muito presente em sua obra. Quando li *Álbum de Família* novamente, alguns semestres depois de representá-la no palco, me interessei mais sobre a peça e decidi analisá-la a fundo. Como diz Pedro Dantas (1946, p.12), por ser a peça que ficou mais tempo interdita, *Álbum de Família* merece ainda mais atenção - só que dessa vez, positiva: “*Álbum de Família* [...] é um dos mais legítimos valores de exportação produzidos pela nossa literatura.” Para ele, *Álbum de Família* é “um vendaval do mais tempestuoso e catastrófico lirismo” (p. 14) , sendo que uma obra no estilo de *Álbum de Família* pode influenciar aqueles espectadores mais sensíveis a estímulos externos, já que mostra uma

realidade exagerada (p. 11-12). Nisso, Dantas sugeriu uma restrição etária, mas não culpando a peça em si, nem o autor, mas sim mostrando preocupação com a formação intelectual e moral das crianças e adolescentes: "[...] Quando se diz que uma obra é imprópria para menores, o que se acentua, na realidade, é que os menores são espectadores impróprios para essa obra, incapazes de reagir, de entendê-la, de julgá-la convenientemente." (DANTAS, 1946, p. 12)¹.

Dentre tantos críticos que já escreveram sobre seu trabalho está Sábato Magaldi, que dividiu a obra de Nelson Rodrigues em três fases: as peças psicológicas (englobando as peças *A mulher sem pecado*(1941), *Vestido de Noiva*(1943), *Valsa nº 6*(1951), *Viúva, porém honesta*(1957) e *Anti-Nelson Rodrigues*(1974)), as míticas (*Álbum de família*(1946), *Anjo negro*(1947), *Senhora dos afogados*(1947), e *Dorotéia*(1949)), e as Tragédias Cariocas (*A falecida*(1953), *Perdoa-me por me traíres*(1957), *Os sete gatinhos*(1958), *Boca de ouro*(1959), *O beijo no asfalto*(1960), *Bonitinha, mas Ordinária ou Otto Lara Resende*(1962), *Toda Nudez Será Castigada*(1965) e *A serpente*(1978)).

Nelson Rodrigues não se importou com a possibilidade da censura nos aspectos morais. Nem no possível repúdio que seu texto poderia vir a receber; lutou contra a censura e desmascarou o indivíduo, não tratando o incesto como algo excepcional, mas sim como algo que mostrasse a realidade do brasileiro em seu cotidiano aquele que colocamos embaixo do tapete e não queremos saber. Neste trabalho tratarei principalmente de *Álbum de Família*, comentando brevemente sobre algumas das outras obras de Nelson, e também contextualizando a questão da censura e da recepção que a peça teve na época de seu lançamento. No segundo capítulo farei uma análise da obra, dando um resumo da trama. No terceiro falarei sobre a definição de incesto e as relações proibidas e sua repercussão na sociedade, além de explicitar as relações incestuosas contidas na peça. No quarto capítulo, contarei como foi à peça foi recebida pela mídia e pela crítica, além de todo o debate que ocorreu sobre o enredo e seus personagens.

¹ No prefácio ao *Álbum*, Pedro Dantas discute "o eterno problema ainda não resolvido do direito de criação artística e suas limitações, por motivos de ordem moral e social".

Passamos, a seguir, para a análise da obra que, de acordo com Pedro Dantas (1946, p. 9), é "a maior criação teatral, dêle e nossa" e contém, como diz Grock, "uma impressionante sondagem no que há de mais primitivo e oculto nas tendências sexuais da humanidade". (in Rodrigues, 1946, p. 303).

2. Análise de *Álbum de Família*

Nelson Rodrigues declarou certa vez que a peça *Álbum de Família* [...] inicia seu ciclo do “teatro desagradável” (in “O Reacionário”, p. 73, apud Magaldi, 1981, p. 13), termo que ele criou para definir esta obra que tem como foco um dos grandes tabus da sociedade ocidental, o incesto.

A peça mostra-nos cenas da vida de uma família aparentemente comum, quando vista de fora, de longe, formada por um casal, Jonas e Dona Senhorinha, seus quatro filhos, Edmundo, Guilherme, Nonô e Glória, e a tia solteirona sem o menor encanto – Tia Rute, o oposto de sua irmã, Dona Senhorinha. O texto nos mostra uma família na qual o desejo, amor e a morte são protagonistas, e personagens cujas relações afetivas iniciam e findam dentro do próprio núcleo familiar, tanto o ódio como o amor ocorre entre eles. Este isolamento afetivo fica claro na voz de Edmundo:

EDMUNDO (mudando de tom, apaixonadamente) – Mãe, às vezes eu sinto como se o mundo estivesse vazio, a não ser nós, quer dizer, você, papai, eu e meus irmãos. Como se nossa família fosse a única e primeira. (*numa espécie de histeria*) Então, o amor e o ódio teriam de nascer entre nós. [...] (p. 102)²

Álbum de família é uma peça em que se mostram vários tipos de relações incestuosas: mãe e filho, pai e filha, irmão e irmã. Mostra o homem violando as regras impostas pela sociedade, através de uma família desagregada. Edmundo o filho do meio, é apaixonado pela mãe e, embora seja casado com Heloisa, não a ama e nem consegue se relacionar com ela nem com nenhuma outra mulher. Glória, única filha do casal, é apaixonada pelo pai, Jonas, que por sua vez compensa o amor irrealizável por Glória desvirginando garotas de 12 a 16 anos em sua própria casa. Guilherme, o filho mais velho do casal, chega ao ponto de se castrar para tentar impedir a paixão pela irmã Glória. Dona Senhorinha, a mãe, é apaixonada pelo filho mais novo - Nonô -, que após ter uma relação amorosa com a mãe, enlouquece e vive nu gritando pelos arredores da fazenda.

² Todas as citações dos textos originais das peças neste trabalho foram retiradas do **Teatro completo de Nelson Rodrigues, 2: Peças míticas / organização e introdução de Sábato Magaldi**. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.

O primeiro ato começa mostrando o momento em que é tirada a primeira fotografia do *Álbum de família*: os recém-casados Jonas e D. Senhorinha são apresentados através da fala de um *Speaker* que, discorrendo sobre casamento e amor, aparece o fotografo e ajeita o queixo de Senhorinha e implora por um sorriso. Por um momento Senhorinha e Jonas parecem imóveis. Ela com um sorriso falso e cretino e ele com o busto empinado, e o *Speaker* trata Jonas e Senhorinha como se fosse um casal feliz e perfeito. Resumindo, podemos dizer que o *Speaker* serve não para enganar o leitor, mas para revelar a hipocrisia desta família que não vive uma história bonita e convencional, mas sim uma tragédia familiar. O contraste entre as fotos da família, que idealizam a instituição familiar, e as cenas, que mostram a realidade, contradizendo a falsa perfeição das fotos, percorrerá todo o desenrolar da peça.

A cena que acontece logo depois exibe a relação entre Glória e Teresa, colegas de internato, fazendo juras de amor uma à outra. Conheceram-se no convento e planejavam fugir juntas:

TERESA- Então, quero ver. Mas, depressa, que a irmã pode vir.
 GLÓRIA (erguendo a cabeça)- Juro que...
 TERESA (retificando)- Juro por Deus...
 GLÓRIA- Juro por Deus...
 TERESA- ...Que não me casarei nunca...
 GLÓRIA- . Que não me casarei nunca...
 TERESA- ... Que serei fiel a você até à morte.
 GLÓRIA- ... Que serei fiel a você até à morte.(p. 56-57)

Elas fazem juras de fidelidade e morte, observando-se que o sentimento de Teresa é mais presente que o de Glória.

A próxima cena ocorre na sala da fazenda de Jonas, onde se vê, na parede, um retrato com imagem de Jesus, vinte anos após o casamento dele com Senhorinha (agora tratada por Dona Senhorinha). Ouve-se um grito do lado de fora, e entra, espantadas, D. Senhorinha e sua irmã, Tia Rute. A relação entre as duas irmãs é conturbada, pois Tia Rute sente muita inveja de D. Senhorinha, por sua beleza imensa.

RUTE – Desde menina, tive inveja de sua beleza. (*em tom de acusação*) Mas ser bonita assim é até imoralidade porque nenhum

homem se aproxima de você, sem pensar em você PARA OUTRAS COISAS! (p. 82)

As duas conversam sobre o filho mais novo de D. Senhorinha, Nonô – que está gritando do lado de fora da casa: "Nonô, quando era bom, gostava de mim, tinha adoração por mim. [...] é saudade que ele tem - SAUDADE! (*taciturna*) Saudade da casa." (p. 59). A conversa das duas continua até ser interrompida por gemidos de uma mulher grávida (uma menina com a qual Jonas teve relações sexuais), que está em um dos cômodos da casa, percebida pelo público por seus gritos e gemidos.

Quando Jonas entra em cena, é perceptível uma mudança no comportamento de Tia Rute que, de irritada e irônica, torna-se carinhosa e solícita – mas apenas com Jonas. Na cena, Jonas e Tia Rute parecem se esquecer da presença de D. Senhorinha, e há uma conversa, com algumas intervenções desta, a respeito da mulher grávida - descobre-se que é uma menina de 15 anos - que está parindo em uma das dependências da casa. D. Senhorinha recrimina Jonas por ter feito filho numa menina tão jovem e pequena, mas este, sem dar atenção à esposa, conversa com Tia Rute sobre a vinda de outra garota. Nisso aparece o avô da menina em questão, fazendo "propaganda" da neta, dizendo que ela é limpa, e que no caso dela "perder o respeito, não se avexe de me chamar. Dou de cinto!" (p. 63). Logo após isso, é puxado, relutante, para fora da cena por Tia Rute, e Jonas, alheio ao que se passa ao seu redor, confessa:

JONAS (*parece cair em transe; não se dirige a ninguém; volta tia Rute, sem que ele perceba*) - Gosto de menina sem-vergonha. Mulher, não, menina. De 14, 15 anos. Desbocada. (*com angústia*) Aliás, não sei por que mulher não pode dizer nome feio como nós, por que, ora essa? (*com absoluta dignidade, quase com sofrimento*). Numa conversa, durante a refeição; a Ceia do Senhor, pendurada na parede, e a dona da casa dizendo palavrões! (p. 63-64)

Segue-se uma discussão entre D. Senhorinha, Jonas e Tia Rute, cúmplice do cunhado. Para impedir que Rute trouxesse outra menina para o marido, Senhorinha revela que recebeu um telegrama do colégio avisando que Glória está vindo para casa. Diz que sente como se Jonas só “se comportasse” quando Glória está por perto. A conversa segue e D. Senhorinha revela que Edmundo chegou para visitá-los, Jonas ao saber que o filho veio sozinho sem

Heloisa, espuma de raiva, e o público descobre que ele havia expulsado Edmundo de casa.

Segue então uma troca de farpas entre as irmãs, e Tia Rute diz para D. Senhorinha que ela também tinha sido amada, “Ele estava bêbado, mas não faz mal” (p. 68), tendo sido até beijada na boca, revelando em seguida que este homem era Jonas. Rute confessa que este é um dos motivos pelos quais hoje ela se submete a arranjar moças para o cunhado. Jonas questiona D. Senhorinha a respeito do seu amor por ele, dizendo que, se ela realmente o amasse, buscaria por mulheres virgens para o homem que ama.

Na segunda foto do álbum, 13 anos depois, o mesmo fotógrafo de antes e toda a família: o casal, agora com os quatro filhos, Glória no joelho da mãe, os dois meninos com roupa de marinheiro e Guilherme em uniforme colegial.

A cena continua, com Edmundo chegando à casa de seus pais. Ele avista uma moça e pergunta quem ela é, e Senhorinha responde que a moça não era ninguém. Indignado com a submissão da mãe - que aceita que Jonas leve meninas para dentro de casa - ele a questiona por ela tolerar as atitudes de Jonas. Dona Senhorinha pede para que ele não se meta, mas o rapaz não se conforma com a atitude de sua mãe. Mais tarde, Edmundo discute com Jonas e Tia Rute e, ao final do primeiro ato, quase declarando seu amor pela mãe dizendo-lhe que ama uma única mulher, sem, no entanto, chegar a dizer quem é essa mulher. A cena termina com Edmundo, a contragosto, tomando a bênção do pai.

O segundo ato se inicia com mais uma página do álbum, que desta vez retrata Glória em sua 1ª comunhão; enquanto a foto está sendo tirada, o Speaker elogia a menina dizendo que ela é muito obediente com sua mãe e que elas se amam mais que tudo na vida, numa evidente contradição com o sentimento que as une. Este segundo ato insere-nos mais profundamente neste universo de relações proibidas e mortes. Entram em cena Edmundo e Senhorinha, e na conversa que se segue, Edmundo comenta que “Seria tão melhor se em cada família alguém matasse o pai!” (p. 76). Quando Jonas entra, ele questiona os motivos da separação de Edmundo e, enquanto pensa sobre a vida de seminarista de Guilherme, é interrompido pela chegada deste,

que volta ao lar após abandonar o seminário. Guilherme castrou-se para conter o desejo que sente por sua irmã, mas abandonou a vida de seminarista no mesmo momento em que a irmã foi expulsa do internato e retorna a casa. Apaixonado pela irmã, no ápice do desejo -, Guilherme se aproxima da família para estar mais próximo de Glória.

Segue a conversa em família, e então Guilherme vai até o quarto da mulher grávida e começa a falar sobre uma amante do pai, lembrando:

GUILHERME – O que eu devia fazer, eu sei: o que eu fiz daquela vez, com a muda!...(numa alegria hedionda) Você se lembra, pai – da MUDA?

JONAS (com certo medo) – Sei lá do que você está falando?

GUILHERME – Sabe sim. Aquela que não falava, meio idiota – estrábica!... (com alegria selvagem) Ah, é mesmo – ESTRÁBICA! (p. 79.).

Guilherme fala como se estivesse “numa espécie de embriaguez” (p. 80), confessando que matou a menina a pontapés, e segue criticando o pai. A discussão continua, e Guilherme revela a Jonas que Glória foi expulsa do internato. O pai, sem saber do motivo, questiona Guilherme, que explica que era por causa da relação que ela mantinha com “uma menina lá”, e acrescenta: “O padre disse, então, que estava positivado o GÊNERO DE AMIZADE... Que assim não era possível... Que a solução era EXPULSAR AS DUAS! “. (p.85). Guilherme diz ao pai que Glória não voltará mais para morar com eles, que a casa é indigna, e ainda diz que Jonas não pode ter contato mais com a filha, e fala de seu acidente que fez no seminário “Então fiz um ferimento – mutilante – o sangue ensopou os lençóis”. (p. 86).

Depois de uma nova foto do Álbum, em que aparecem Senhorinha e Rute e o Speaker tece elogios ao amor fraternal, a cena muda para o interior de uma igreja, aonde Glória chega com Guilherme querendo encontrar seu pai. Na conversa que segue, Guilherme fala para a irmã sobre o acidente que sofreu e ela fala de sua amizade com Tereza: “Toda vez que a gente se beijava, eu fechava os olhos e via direitinho a fisionomia de papai.” (p. 90). Além do amor de Glória pelo pai, fica claro que Guilherme decidiu ser padre para fugir do desejo que sentia pela irmã. Contrariando o que o Speaker afirmara anteriormente, Glória confessa que em nenhum momento da sua vida gostou de sua mãe: “Eu nunca disse a ninguém [...]: não gosto da mamãe. Não

está em mim – ela é má, sinto que ela é capaz de matar uma pessoa. Sempre tive medo de ficar sozinha com ela! Medo que ela me matasse!” (p.92)

Nesta cena da igreja, Glória expõe que vê uma semelhança absurda entre seu pai e Jesus Cristo, beirando a obsessão: “[...] Quando eu era menina, não gostava de estudar catecismo... Só comecei a gostar [...] quando vi, pela primeira vez, um retrato de Nosso Senhor [...] Fiquei tão impressionada com a SEMELHANÇA!” (p. 92), e explica ao irmão que ninguém entenderia o que ela sente pelo pai. Assim, Guilherme confessa à irmã o motivo pelo qual desistiu do seminário: ela. Ele avança sobre ela, propondo um suicídio conjunto e, ao receber a negativa, fica enfurecido, e, dizendo que Glória nunca será de seu pai, saca uma arma e lhe dá dois tiros fatais.

O terceiro ato começa com a quinta foto do álbum, que mostra Nonô ao lado de sua mãe, D. Senhorinha. O menino, na cena em questão, tem 13 anos, embora não pareça, por ser “excepcionalmente desenvolvido” (p.95). De acordo com o Speaker e seu discurso, que é praticamente todo a respeito da loucura de Nonô, a foto foi tirada apenas um dia antes do garoto ficar louco. Na seguinte cena Edmundo e Senhorinha conversam, e ele diz a mãe: “ Eu sou homem de uma só mulher ! Até hoje, só gostei de uma mulher. ” (p.98), mas não chega a confessar quem é esta mulher. Senhorinha comenta da rivalidade que tinha com a filha: “Quando nasceu disseram – MENINA - eu tive aquele pressentimento de que ia ser minha inimiga. ”(p. 99). Os dois conversam sobre a possibilidade de matar Jonas: “D. Senhorinha - Dormindo, seria fácil. Ele não poderia se defender! Não teria nem tempo de gritar! “. (p. 101). Edmundo convida a mãe para fugirem e ela lhe diz que não pode deixar seu filho Nonô. Edmundo fala, sofrendo, que a mãe gosta mais de Nonô do que dele, e quando D. Senhorinha nega, ele ajoelha-se aos pés da mãe e diz: “[...] O céu, não depois da morte; o céu, antes do nascimento – foi teu útero...” (p. 102).

Jonas volta à cena saindo da porta da mulher grávida, e parece estar arrumando a fivela do cinto, deixando praticamente claro que violentou a moça. Há uma discussão entre Jonas e Edmundo, que compara a mãe com uma santa, enquanto ele deprava meninas. É então que Jonas revela ao filho e ao público que a mulher o traiu: chegando em casa de surpresa, após uma

viagem, ele surpreende o vulto de um homem saindo do quarto do casal. Senhorinha revelou o nome do suposto amante, que foi morto por Jonas no dia seguinte. Após isso, Tia Rute volta do quarto dizendo que a menina morreu antes de dar à luz. Aproximando-se de Edmundo após os outros saírem de cena, Tia Rute confirma a traição, e mais: diz que "[...] depois daquela noite – portanto há sete anos – Jonas nunca mais tocou nela. [...] Ela espera você [...]" (p. 108)

Após isso, há a introdução da sexta foto, onde aparece Jonas com uma expressão vazia, "como se estivesse morto por dentro" (p. 108), segundo a rubrica. O fotógrafo bate a foto assim mesmo, sem se importar com o semblante inerte do patriarca, e o Speaker conta, revelando antecipadamente a todos que Jonas, depois de perder três filhos, enforcou-se. O Speaker também comenta que "[...] Outros pretendem que foi a própria mulher quem o matou. [...]" (p.108). Na rubrica que segue há a descrição da cena do velório de Glória e Edmundo - que se matou após descobrir a traição da mãe. Há uma longa conversa entre Heloísa e D. Senhorinha. Senhorinha, como se estivesse falando consigo mesma, diz que o filho se matou na sua frente. Heloisa confessa que Edmundo, quando ainda vivo, lhe contou que só se casou com ela para fugir de uma mulher pela qual ele era apaixonado, e conta que, em três anos, Edmundo nunca tocou nela. Senhorinha pergunta se ela sabe quem é essa mulher, e Heloisa desconversa, mas começa a questionar Senhorinha: "Calculo que meu marido achasse você [...] MUITO PARECIDA COM NOSSA SENHORA!" (p.112). Começa uma discussão, e Senhorinha domina a nora que, desesperada, vai embora. Antes de fecharem o caixão, a mãe beija a testa de seu filho.

Após isso, o Speaker fala sobre a sétima e última foto, tirada na lua-de-mel de Heloísa e Edmundo. Os dois, segundo a rubrica, têm a aparência de dureza fato que é ignorado pelo Speaker: "as fisionomias dos nubentes espelham uma felicidade sem jaça. Só o matrimônio perfeito proporciona tão sadia e edificante felicidade." (p. 114).

Na cena final Jonas e Senhorinha conversam, e ela confessa que não o suporta mais. Jonas diz que quando beijava uma mulher lembrava-se do rosto

da filha Glória, e afirma querer se separar da esposa. Ele se aproxima da mulher, que recua com medo. Apertando o braço dela, o marido diz que ela e a filha Glória eram muito parecidas. Senhorinha revela ao marido que o traiu com o filho, Nonô. “Eu me senti tão feliz, quando você matou Teotônio. Respirei: Nonô estava salvo!”. (p 117). Jonas diz não se importa com o amante da esposa, pois Glória estava morta.

Inconformado com a morte de Glória em discussão Jonas diz que, para ele, "ACABOU-SE O DESEJO NO MUNDO!" (p. 118) quando a filha morreu. D. Senhorinha, enojada, confessa que nunca amou homem algum - inclusive Jonas - exceto seus filhos. “Senhorinha (insultante) – Se você soubesse o nojo que eu sempre tive de você, de todos os homens! “ (p. 119) Num momento de desespero, Jonas entrega uma arma à esposa, e pede para que ela o mate. D. Senhorinha nega a princípio, mas ouve o grito do filho Nonô e o entende como um chamado. Atira duas vezes, e Jonas, atingido mortalmente, cai. Num último suspiro, chama pela filha, e morre, enquanto D. Senhorinha vai ao encontro de Nonô. Fim do terceiro e último ato.

3. Incestos e relações proibidas

3.1 Incesto e Tabu

Incesto, de acordo com o dicionário Michaelis, é "relação sexual entre parentes (consangüíneos ou afins), condenada pela moral, pela lei e pela religião". Tanto nas sociedades mais primitivas como hoje em dia, o incesto é considerado um tabu cultural muito forte por diversas razões. Uma delas é a questão biológica, pois quando há o acasalamento entre indivíduos muito próximos, as chances de os descendentes nascerem com problemas de má formação física são muito grandes (CARVALHO, 2014).

Desde o surgimento dos clãs, nas sociedades paleolíticas, o incesto é tratado como algo proibido, imoral. Porém, a grande maioria dos seres humanos é alossexual – que sente atração e desejo sexual por outros - e geralmente, como foi analisado por Sigmund Freud, um dos criadores da psicanálise no início do século XX, a primeira relação de amor que as pessoas têm é com o progenitor do sexo oposto. O amor e o desejo infantis que são dirigidos à mãe, pelos meninos, e ao pai pelas meninas, geram impulsos de ciúmes e rivalidade dirigidos ao progenitor do mesmo sexo. (CARRARA, 2004) Isso representa a situação edipiana. O nome *Complexo de Édipo* faz referência à tragédia grega *Édipo – rei*, escrita por Sófocles em 430 a.C., que conta a história de Édipo, rei de Tebas que, além de matar o próprio pai, casa-se com sua mãe. O próprio Freud resume a história em seu livro “*A interpretação dos sonhos*”:

Édipo, filho de Laio, Rei de Tebas, e de Jocasta, foi enjeitado quando criança porque um oráculo advertira Laio que a criança que ainda não nascera seria o assassino de seu pai. A criança foi salva e cresceu como príncipe numa corte estrangeira, até que, em dúvida quanto à sua origem, ele também interrogou o oráculo e foi advertido que evitasse o seu lar, visto que estava destinado a assassinar seu pai e receber a mãe em casamento. Na estrada que o levava para longe do local que ele acreditava ser seu lar, encontrou-se com o Rei Laio e o matou numa súbita rixa. Em seguida, dirigiu-se a Tebas e resolveu o enigma apresentado pela Esfinge que lhe barrava o caminho. Por gratidão, os tebanos fizeram-no rei e lhe deram a mão de Jocasta em casamento. Ele reinou por muito tempo em paz e honra, e ela que, sem que ele soubesse, era sua mãe, lhe deu dois filhos e duas filhas. Foi quando, então, irrompeu uma peste e os tebanos interrogaram mais uma vez o oráculo. É neste ponto que tem início a tragédia de Sófocles. Os mensageiros trazem de volta a resposta de que a peste cessará quando o assassino de Laio tiver

sido expulso do país. Mas ele, onde está ele? Como encontrar agora os vestígios desse crime tão antigo? A ação da peça consiste em nada mais do que o processo de revelar, com pausas engenhosas e sensação sempre crescente – um processo que pode ser comparado ao trabalho de uma psicanálise -, que o próprio Édipo é o assassino de Laio, mais ainda, que ele é o filho do homem assassinado e de Jocasta. Apavorado com a abominação que ele inadvertidamente perpetrara, Édipo cega-se a si próprio e abandona seu lar. A predição do oráculo foi cumprida. (in: Carrara 2004, p. 30-31).

De acordo com Freud (2016), o complexo de Édipo mostra que a primeira escolha de alguém para amar feita por um menino é incestuosa e que esses são agentes proibidos: a mãe e a irmã. À medida que o menino cresce, é prevista a libertação dessa atração incestuosa e das condições psicosexuais de sua infância.

O tabu do incesto é e tem sido um dos tabus culturais mais disseminados, tanto hoje quando em sociedades primitivas. Muitas sociedades modernas possuem leis concernentes ao incesto ou restrições sociais ao casamento consangüíneo. Nas sociedades nas quais ele é ilegal, o incesto consensual entre adultos é visto como um crime sem vítima. O tabu do incesto tem sido um dos tabus culturais mais difundidos ao longo dos séculos (CARVALHO, 2014).

O significado de “tabu” se divide, para nós, em duas direções opostas. Por um lado quer dizer “santo, consagrado”, por outro, “inquietante, perigoso, proibido, impuro”. O contrário de “tabu”, em polinésio, é *noa*, ou seja, “habitual, acessível a todos” (FREUD, 2016 p. 12). Para Freud, tabu traz em si um sentido de algo inabordável, sendo principalmente expresso em proibições e restrições. A nossa expressão “temor sagrado” corresponde frequentemente ao sentido de “tabu”. As restrições do tabu são algo diverso das proibições religiosas ou morais. (p. 12). Citando a *Encyclopaedia Britannica*, Freud dá a seguinte descrição do Tabu: “Propriamente falando, o tabu abrange apenas a) o caráter sagrado (ou impuro) de pessoas ou coisas, b) o tipo de proibição que resulta desse caráter, e c) a santidade (ou impureza) que resulta de uma violação da proibição.” (p. 13).

Segundo Wundt, psicólogo alemão contemporâneo de Freud, considerado um dos fundadores da psicologia experimental, a distinção entre ‘sagrado’ e ‘impuro’ não existia nos primórdios do tabu.

Justamente por isso tais conceitos não têm o significado que adquiriram depois, quando se tornaram opostos. O animal, o ser humano, o local em que há um tabu são demoníacos, não sagrados, e, portanto, não ainda impuros no sentido posterior. (FREUD, 2016 p.19).

A diferença entre 'impuro' e "sagrado" corresponde a uma continuação de dois períodos da mitologia. Sendo o período sagrado o mais antigo, ele não desapareceu completamente quando o período do impuro foi alcançado, mas continuou no que foi considerado como um momento ruim e finalmente insignificante.

No caso do tabu, quando se trata do objeto principal que é a proibição, qualquer coisa que foque no pensamento do indivíduo para o objeto proibido ou qualquer coisa que o deixe em contato intelectual com ele, é tão proibida quanto o contato físico direto.

Ainda segundo Freud, os tabus são fortes proibições, "antiquíssimas, impostas uma vez a uma geração de homens primitivos [...] neles inculcadas violentamente pela geração anterior. [...] Elas então foram mantidas de geração em geração, talvez simplesmente devido à tradição [...]" (FREUD, 2016 p.26) e dirigida contra os anseios mais poderosos a que estão sujeitos os seres humanos.

Quem pode decidir, no caso em questão, quanto à existência ou não de tais 'ideias inatas', e se elas determinaram a fixação do tabu, sozinhas ou juntamente com a educação? Mas uma coisa certamente resultou da permanência do tabu: o desejo original de fazer o proibido continua a existir nos povos em que há o tabu. (FREUD 2016 p. 26).

O desejo de violá-lo persiste no inconsciente; aqueles que obedecem ao tabu tenham uma atitude ambivalente quanto ao que o tabu proíbe. O poder mágico atribuído ao tabu baseia-se na capacidade de provocar a tentação e atua como um contágio porque os exemplos são contagiosos e porque o desejo proibido no inconsciente desloca-se de uma coisa para outra. O fato de a violação de um tabu poder ser expiada por uma renúncia mostra que esta renúncia se acha na base da obediência ao tabu.

Na situação criada pelo assassinato do pai houve um fator que geraria, no decorrer do tempo, um extraordinário aumento da ânsia do pai. Pois os irmãos que se juntaram para liquidá-lo eram animados, individualmente, pelo desejo de tornar-se como o pai, e exprimiram tal desejo pela incorporação de partes do seu sucedâneo, na refeição totêmica. Em virtude da pressão que o bando de irmãos exercia sobre cada um deles, esse desejo tinha de ficar

insatisfeito. Ninguém mais podia nem era capaz de alcançar a plenitude de poder do pai, a que todos haviam aspirado. (p. 155).

Os dois tabus do totemismo, com que tem início a moralidade, não são de mesmo valor psicológico. Apenas um, aquele que poupa animal totêmico, baseia-se inteiramente razões afetivas o pai ora eliminado, não havia como remediar isso. Mas o outro, a proibição do incesto, tinha uma sólida fundamentação prática. A necessidade sexual não une os homens, ela os divide. Os irmãos haviam se aliado para vencer o pai, mas eram rivais uns dos outros no tocante às mulheres. Cada um desejava, como o pai, tê-las todas para si, e na luta de todos contra todos a nova organização sucumbiria. Nenhum era tão mais forte que os outros, de modo a poder assumir o papel do pai. Assim, os irmãos não tiveram alternativa, querendo viver juntos, senão – talvez após superarem graves incidentes – instituir a proibição do incesto, com que renunciavam simultaneamente às mulheres que desejavam, pelas quais haviam, antes de tudo, eliminado o pai. (p.150)

Por isso o tabu traz uma idéia de algo abominável ligado às proibições; mas porque todas as explicações desta palavra estão ligadas ao proibido? Por que temos nojo ao incesto? Segundo as teorias biológica e moral citadas por Freud, a primeira fala sobre o “horror inato ao incesto” e considera-o como a proteção natural contra os malefícios do cruzamento endogâmico, e a segunda fala dos aspectos socioculturais pelos quais, de acordo com uma perspectiva, a proibição do incesto é cultural, mas fundamental para o crescimento do indivíduo na sociedade.

O psicanalista austríaco James Frazer propõe um esclarecimento sobre a universalidade do tabu do incesto frente à natureza-cultura e afirma que o horror ao incesto surge a partir de uma tentativa inconsciente, individual e coletiva de se organizar a sociedade humana de uma forma que a distinga dos animais irracionais (FREUD, 2016). Consideramos que *Álbum de Família*, é antes de tudo, uma peça freudiana. Nela aparecem personagens que encarnam as idéias estabelecidas por Freud nos complexos: de Édipo, o garoto que se casa com a mãe.

A combinação familiar do complexo de Édipo se insere no universo de Nelson Rodrigues, de forma que a sua dramaturgia é um espelho da estrutura social patriarcal vista nas sociedades urbanas e rurais que compunham e compõem a sociedade brasileira. Jonas, em *Álbum de Família*, é o patriarca da sociedade que odeia os filhos – e os mesmos o odeiam – e ama sua filha

Glória. Não há um horror ao incesto: os membros da família não quebram o círculo familiar e tentam se relacionar com outras pessoas (o casamento de Edmundo é uma tentativa fracassada disso, assim como a busca de Jonas por meninas é um paliativo para a ausência de Glória). É uma família trágica, pois quase todos acabam morrendo. *Álbum de Família*, escrita em 1945, é uma tragédia que mostra a imoralidade e a hipocrisia de uma família decadente com relações proibidas e incestuosas. Sobre a peça, Magaldi (1981, p. 15) diz:

A peça põe em cena, por isso, personagens como que anteriores à História e à Civilização. Desde que aceitas regras do jogo social, o homem reprimiu anseios e criou tabus. A psicanálise, com Freud, Jung e outros teóricos, desvendou os mecanismos da mente, que explicam muito bem o procedimento de *Álbum*.

3.2 As relações proibidas dentro de “*Álbum de Família*”

Como já visto na análise geral da peça, são várias as relações proibidas dentro da obra. Aqui, iremos aprofundar nosso olhar sobre essas relações, analisando-as e comparando-as.

3.2.1 Edmundo e D. Senhorinha

Edmundo sempre foi apaixonado pela mãe e, mesmo tendo casado com Heloísa, nunca esqueceu o sentimento que tem pela mãe, e agia de forma fria com a esposa. Um exemplo claro do Complexo de Édipo, pois Edmundo também nutre um ódio por Jonas, seu pai.

EDMUNDO (*veemente*) – Eu sou o homem de uma só mulher! Até hoje, só gostei de uma mulher! (p.98)

[...]

EDMUNDO (*mudando de tom, apaixonadamente*) – Mãe, às vezes eu sinto como se o mundo estivesse vazio, e ninguém mais existisse, a não ser nós, quer dizer, você, papai, eu e meus irmãos. Como se nossa família fosse a única e primeira. (*numa espécie de histeria*) Então, o amor e o ódio teriam de nascer entre nós. (*caindo em si*) Mas não, não! (*mudando de tom*) – Eu acho que o homem não devia sair nunca do útero materno. Devia ficar lá, toda a vida, encolhidinho, de cabeça para baixo, ou para cima, de nádega, não sei.

(*Ajoelha-se aos pés de D. Senhorinha*)

D. SENHORINHA (*com medo*) – Não, Edmundo, não!

EDMUNDO – O céu, não depois da morte; o céu, antes do nascimento – foi teu útero.

(*Sempre de joelhos, Edmundo encosta o rosto – de perfil para a platéia – na altura do útero materno. (p.102).*)

Para tentar ignorar o amor que sente pela mãe, Edmundo se obrigou a casar, pois qualquer tipo de contato, inclusive o intelectual, que o paciente (Edmundo) dirigisse ao objeto proibido (D. Senhorinha), é tão proibido quanto um contato físico (FREUD, 2016), e isso o levou a um estado de fuga. Segundo Freud (2016), “[...] ele escolheu a mãe como objeto de amor [...], antes de chegar à escolha final.” A primeira escolha amorosa de um menino é geralmente incestuosa, e essa escolha é proibida. Essa proibição, segundo Freud (2016), “deve sua força e seu caráter obsessivo precisamente ao seu oponente inconsciente, o desejo oculto e não diminuído – isso é a uma necessidade interna inacessível à inspeção consciente”. “Por causa da barreira que existe contra o incesto, seu amor é desviado [...] para um objeto externo [...]” (FREUD, 2016); Edmundo, que é consciente de sua atração pela mãe, tenta desviar seu desejo para Heloísa - que seria a escolha final -, mas não consegue superar a atração pela mãe - o primeiro objeto de amor, que se torna a escolha final.

Em relação ao ódio pelo pai, o próprio Edmundo diz explicitamente que a vida seria melhor se o pai morresse: "EDMUNDO – Seria tudo melhor se em cada família alguém matasse o pai!" (p. 76), mas não diz de maneira direta e clara que quer matar o pai. Há também um diálogo dele com a mãe, onde os dois parecem planejar o assassinato, mas nada é transparente na conversa, tudo fica subentendido.

EDMUNDO (*lento, num tom especial*) - Só se a gente, se eu...

(*os dois se olham; D. Senhorinha parece compreender.*)

D. SENHORINHA (dominada pelo medo) - Não, Edmundo! Assim eu não quero!

EDMUNDO – Talvez fosse ESSE o único meio! (p.101).

Além do ódio pelo pai, ao mesmo tempo há, por parte de Edmundo, um grande encantamento pelo poder que Jonas exerce. O filho tenta com todas suas forças lutar contra esse poder, mas sempre sucumbe: “[...] *aproxima-se, como se viesse do pai uma força maior [...]*” (p.). Secretamente, Edmundo deseja estar no lugar de seu pai.

3.2.2 Guilherme e Glória

Assim como Edmundo, Guilherme também nutre sentimentos de ódio pelo pai; porém, no caso de Guilherme, esse ódio desencadeia de sentimentos de nojo e repulsa: "GUILHERME - [...] você emporcalha tudo – a casa, os móveis, as paredes, tudo!" (p. 85); esse nojo e repulsa que Guilherme sente não se restringe apenas ao pai, mas sim a todo e qualquer desejo, que ele considera sujo e imoral – tanto que se castrou – e julga todos que já sentiram desejo ou amor sujo, inclusive a mãe: "GUILHERME – Nem minha mãe! É UMA MULHER CASADA, CONHECE O AMOR - NÃO É PURA. [...] Ela precisa EXPIAR, porque desejou o amor, casou-se. [...]" (p. 86), o que nos leva a ver que Guilherme repudia *tanto* o desejo que considera até uma mulher casada impura: "[...] a mulher que amou uma vez – marido ou não - não deveria sair nunca do quarto. Deveria ficar lá, como num túmulo. Fosse ou não casada. [...]" (p. 86). Guilherme, simboliza o complexo de Freud de castração, no qual o filho sentiria o temor de ser castrado pelo pai, em função de seu amor pela mãe, definindo o incesto. Neste caso, em *Álbum de família* o próprio personagem provoca o corte pela impossibilidade de enaltecer seu amor incestuoso pela irmã. . Guilherme, por não agüentar a idéia de sua irmã e seu pai juntos, uma vez que ambos admitem enxergarem um ao outro quando beijam outra pessoa, mata Glória e, junto com Teresa, atira-se sob o trem em movimento, dando fim a uma vida que de nada valia sem o amor da irmã.

GUILHERME [...] – Uma noite, no seminário, fazia um calor horrível. Então fiz um ferimento – mutilante – o sangue ensopou os lençóis.

JONAS (*sem entender imediatamente*) – Ferimento como?

GUILHERME (*abstrato*) – Depois desse ACIDENTE VOLUNTÁRIO, eu sou outro, como se não pertencesse à nossa família. [...] Glória não pode viver nessa casa!

[...]

GUILHERME – [...] Não serve para Glória – só eu, depois do ACIDENTE!

O ato da castração que Guilherme praticou deu-se ao fato de que ele queria se tornar digno da irmã, numa ação de diferenciar-se do pai, de tornar-se maior do que ele (por considerar este impuro e indigno até da companhia de Glória). Guilherme se diz digno (e só ele seria digno) da irmã, por ser puro, diferentemente dos outros integrantes da família. "GUILHERME (*veemente*) -

Porque esta casa é indigna – PORQUE VOCÊ NÃO PODE TER CONTATO NEM COM SUA PRÓPRIA FILHA! (*exaltadíssimo*) [...]" (p. 85). Ele expressa esse desejo claramente em uma cena, onde está junto à irmã - que tomou chuva e está com a roupa totalmente ensopada -, e se oferece para torcer e secar a roupa molhada dela:

GUILHERME - Então, está bem... (*baixando a voz*) Mas não tinha nada demais. Eu não sou como ELES.

[...] GUILHERME (*voz baixa, para que Glória não possa ouvi-lo*) - Se ELES vissem o seu braço, de fora, só o braço - NU – estendendo uma peça de roupa – iam-se impressionar. **Sobretudo o pai!** (p. 88-89, realce meu).

Nesse trecho, Guilherme se mostra obcecado por esse desejo de ser diferente dos outros da família, principalmente do pai. Ele, conscientemente, deseja a irmã (assim como o pai, o que os torna iguais), porém sua razão o faz querer evitar esse desejo (o que já o torna diferente do pai, já que este parece não se abalar por este desejo, e até o admite) e Guilherme, conscientemente, não quer que essa ação se realize, ele é o único da família que é assaltado pela culpa, portanto é o único que estaria sujeito ao tabu do incesto. "*(Glória está diante do quadro, deslumbrada. Ajoelha-se e reza. Durante a reza, Guilherme, com a mão, esboça uma carícia sobre a cabeça da irmã, mas desiste em tempo.)*" (p. 87). Guilherme propõe à irmã que os dois fujam juntos: "GUILHERME (*apaixonadamente*) - Fugir para bem longe! Tenho pensado tanto [...]" (p. 91). "GUILHERME - [...] Vem comigo! Eu te levo para um lugar bonito – LINDO!" (p. 94). Ele deseja tirar Glória do ambiente familiar, justamente por considerar todos impuros. Agora, Guilherme já é diferente dos outros, pois o sexo não importa mais:

[...] GUILHERME (*ainda baixo*) - Mas eu sou diferente. (*elevando a voz*) Glória, eu posso estar aqui – sozinho com você. Mesmo que eu fosse o único homem e você a única mulher no mundo. [...] (*doloroso*) - Sofri um ACIDENTE.

Quando é rejeitado pela irmã, após fazer outra proposta – a do suicídio em dupla -, Guilherme mostra novamente seu descontrole emocional (que já havia ficado evidente quando ele conta várias vezes com orgulho sobre sua castração), e, num momento de desespero, mata a irmã e amada, para que ela nunca seja do pai: "GUILHERME – Você nunca será dele, NUNCA! (*Puxa o*

revólver e atira duas vezes. Glória cai de joelhos, com as duas mãos amparando o ventre)" (p. 94).

3.2.3 Jonas e Glória

O ódio dos filhos não é sem motivo: Jonas é um homem muito violento e agressivo, tratando os filhos mal sempre que pode. Agredia Nonô, o filho "louco", antes de este enlouquecer: "D. SENHORINHA – Quando ele [Nonô] era bom, você batia nele!" (p. 64) Inclusive, quando Guilherme assassinou Glória, Jonas saiu à sua caça: "JONAS (*como se falasse para o cadáver da filha*) - Procurei Guilherme por toda a parte. Para matar. Mas não encontrei em lugar nenhum; [...]" (p. 114).

JONAS - [...] Mas a casa toda me odeia, eu sinto! Esse meu filho doido, Nonô... [...] Só tem de humano o ódio a mim, ao PAI! Quando sai do mato e me vê de longe, atira pedras!

[...]

JONAS (*surdamente*) - Edmundo não me suporta...

[...]

JONAS (*gritando*) - Mas ELES estão enganados comigo. Eu sou o PAI! O pai é sagrado, o pai é o SENHOR! (*fora de si*) Agora eu vou ler a Bíblia, todos os dias, antes de jantar, principalmente os versículos que falam da família! (p. 64-65)

Uma das primeiras (se não a primeira) impressões que se tem a respeito de Jonas, é que ele gosta *muito* de meninas com a idade de sua filha. A única pessoa da família que Jonas gostava verdadeiramente é Glória, a filha de 15 anos. Para compensar esse amor, esse desejo que ele sentia pela filha, Jonas buscava em outras meninas novas, virgens, algo parecido com o que seria a sensação de *estar* com a filha, e quem lhe trazia essas meninas era a sua cunhada, Rute. "TIA RUTE - [...] Quer que eu arranje moças, meninas de 13, 14, 15 anos. Só virgens, pois não! [...]" (p. 68).

Jonas era completamente fascinado pela filha: "JONAS [...] - Glória é uma santa... Uma santa de louça, de porcelana..." (p.64); "JONAS - Mas Glória é tudo para mim! É a única coisa que eu tenho na vida!" (p. 86). Ele busca essas meninas, pois "[...] o desejo instintivo se desloca constantemente, a fim de fugir ao *impasse*, e se esforça por encontrar substitutos — objetos substitutos e atos substitutos — para colocar em lugar dos proibidos [...]" (FREUD, 2016). "JONAS (*sem dar atenção a nada*) - Desde que Glória

começou a crescer, deu-se uma coisa interessante: **quando eu beijava uma mulher, fechava os olhos, via o rosto dela!**" (p. 115, grifo meu). Quando Glória morre, Jonas entra em desespero: "JONAS – Minha filha morreu. (*lento*) - PARA MIM ACABOU-SE O DESEJO NO MUNDO!" (p.118).

Glória sente um fascínio - um amor – pelo pai, que chega a parecer loucura. Chega a dizer até que, se não fosse pela vontade que ela tem de ver Jonas, provavelmente já estaria morta. Uma questão forte a respeito do sentimento de Glória pelo pai é a semelhança que ela enxerga entre Jonas e a imagem de Jesus Cristo:

[...]

GLÓRIA (*desesperada*) - É uma coisa tão pura, tão bonita o que eu sinto por papai, que a Irmã nunca compreenderia. Nem você, nem mamãe, nem ninguém! (p. 92-93).

Até na hora de morrer, os últimos suspiros de Glória são tomados pela lembrança do pai: "GLÓRIA (*contorcendo-se de dor*) - Quando eu era menina... pensava que mamãe podia morrer... Ou, então, que papai podia fugir comigo... [...] QUE DOR AQUI! (*Glória morre.*)" (p. 94). Glória e sua fixação pelo pai são a representação do mito de Electra, o equivalente feminino do mito de Édipo: filha de Agamenão e Clitemnestra – soberanos de Micenas –, Electra descobre que a mãe, durante uma longa ausência do pai, que havia viajado para comandar uma frota de navios na Guerra de Tróia, se envolvera com o cunhado Egisto, e que os dois planejaram o assassinato de Agamenão assim que este voltasse da guerra. Junto ao seu irmão Orestes, Electra vinga a morte do pai matando a mãe Clitemnestra e o tio Egisto. Electra sente um amor mórbido pelo pai e sente-se na obrigação de vingar a morte dele, pois nele via a figura do homem ideal, assim como Glória, que endeusa o pai e tem o desejo de estar no lugar da mãe, ao lado de Jonas.

3.2.4 Senhorinha e Nonô

Pode se considerar a relação entre Senhorinha e Nonô um tanto especial, justamente por ser a única que se concretizou na peça. Nonô é o filho mais novo de Jonas e Senhorinha e sempre teve uma relação muito forte com a mãe. Quando se relacionaram, enlouqueceu e passou a viver nos arredores da casa da família, gritando, nu.

D. SENHORINHA (*com certa violência*) - Nonô, quando era bom, gostava de mim, tinha adoração por mim. [...] É saudade que ele tem – SAUDADE! (*taciturna*) Saudade da casa... [...] Seria tão bom que fosse saudade de mim, só de mim – de mais ninguém! (p. 59).

Senhorinha diz que sempre teve certeza do amor que sentia por Nonô, que era diferente do sentimento pelos outros filhos – especialmente por Glória, pois Senhorinha deixa claro que não gosta da filha – e, quando se relacionou com o filho, fez de tudo para protegê-lo, inclusive mentir o nome do amante para o marido, para que Nonô não sofresse ou fosse morto. "SENHORINHA [...] - Eu me senti tão feliz, quando você matou Teotônio. [...] Nonô estava salvo! (*doce*) Ele enlouqueceu de felicidade, não aguentou tanta felicidade!" (p. 117). D. Senhorinha ama tanto Nonô que, quando convidada por Edmundo para fugir ao seu lado, recusa, pois não suporta a ideia de deixar Nonô: "[...] *ouve-se o grito desumano de Nonô*) [...] D. SENHORINHA - [...] Viu Edmundo - não posso -, não posso fugir com você! [...] Nunca terei coragem de deixar Nonô! Impossível! [...]" (p. 101). Ao final da história, D. Senhorinha acaba matando Jonas quando ouve o grito de Nonô, como se a chamando, e vai embora com ele.

4. A censura e a recepção da peça

4.1 Censura

Nelson Rodrigues afirmou que conheceu o sucesso com *Vestido de Noiva* e, com as peças seguintes, perdeu-o e para sempre:

[...] Não há nesta observação nenhum amargor, nenhuma dramaticidade. Há, simplesmente, o reconhecimento de um fato e sua aceitação. Pois a partir de *Álbum de Família* - drama que seguiu a *Vestido de Noiva* - enveredei por um caminho que pode me levar a qualquer destino, menos ao êxito. Que caminho será este? Respondo: de um teatro que se poderia chamar assim - 'desagradável'. Numa palavra, estou fazendo um 'teatro desagradável', 'peças desagradáveis'. No gênero destas, inclui (*sic*, devendo ler-se incluo ou incluí), desde logo, *Álbum de Família*, *Anjo Negro* e a recente *Senhora dos Afogado*. (in MAGALDI, 1981, p. 13)

Nélson escreveu *Álbum de Família* em 1945. Deveria ser a terceira peça a ser lançada pelo autor, mas a censura interditou o texto no dia 17 de março de 1946. Dezenove anos se passaram até a liberação da peça, o que aconteceu somente em 3 de dezembro de 1965. Eurico Gaspar Dutra, presidente na época da interdição, e os censores de seu governo proibiram a peça em todo país argumentando que a peça “preconizava o incesto” (CASTRO, 2000 p. 196), dando início à reputação de Nelson Rodrigues como “autor maldito”. *Álbum de Família* pode ser considerado um marco no crescimento na temática rodriguiana. A peça foi liberada para publicação, mas não para ser encenada, por tratar-se de uma peça onde o homem rompe com o código moral imposto pela sociedade para dar vazão a seus impulsos.

De acordo com Ruy Castro (2000), Nelson Rodrigues não mediu esforços para que seu texto fosse, finalmente, liberado. Nos quatro meses de campanha, distribuía cópias da peça a seus amigos, reunia depoimentos para levar ao chefe da polícia (o advogado Pereira Lyra) do Distrito Federal (o Rio de Janeiro, capital da República à época) e convencê-lo a contestar a ordem da Censura. Rodrigues repetia em redações e cafés: "Mas como podem censurar? 'Álbum de família' é uma peça bíblica! Então teriam que censurar também a Bíblia, que está varada de incestos!" (CASTRO, 2000, p.197). Sem esperanças de que o texto fosse liberado, Nelson Rodrigues o publicou em

livro, sob a segurança do título "Edições do Povo". Agora, a peça estava "ao alcance de qualquer pessoa que soubesse ler" (CASTRO, 2000 p. 197).

A censura do governo federal, aterrorizada com "a torpeza, a incapacidade literária, a falta de nobreza, o sacrilégio e a imoralidade", segurou o texto por mais de duas décadas e não o liberou nem sob protestos de vários intelectuais da época. (CARVALHO, 2014)

O assombro que *Álbum de Família* causou e que foi responsável pela sua censura, se deve ao fato de que as personagens da obra não se submetem aos "vetos morais que lhe ditaria o comportamento de conveniência" (MAGALDI, 2010 p.51) e praticam o incesto. Ainda de acordo com Magaldi (2010), se as personagens obedecessem às regras sociais impostas, "reprimiriam, por certo, grande parte do que é gritado em cena" (MAGALDI, 2010 p.51), e as práticas "erradas" aconteceriam sutilmente, à surdina – ao contrário do que acontece no texto. Para Nelson, o que interessava era "a explosão brutal do sentimento, sem qualquer mecanismo censor" (MAGALDI, 2010 p.51).

A censura e as duras críticas já havia se tornado acompanhantes de Nelson Rodrigues: Álvaro Lins escreveu em seu rodapé no "Correio da Manhã" que a peça era chula, primária, vulgar, etc. "O que mais irritava Álvaro Lins era a inflação de incestos [...]. Que família!" (CASTRO, 2000 p.197). Lins parecia preferir que a peça apresentasse apenas um incesto, como em "Édipo Rei", para que parecesse "singular, anormal e extraordinário" (CASTRO, 2000 p.197). "A radicalidade de *Álbum de Família* desafiava os mais abertos juízos" (MAGALDI, 1981 p.21) e, junto às outras peças míticas de Nelson Rodrigues (Anjo Negro (1946), Senhora dos Afogados (1948) e Dorotéia (1949)), "terminaram o trabalho de repúdio à fase rigorosamente mítica do autor, chegando a bani-lo do campo literário" (MAGALDI, 2010). Embora Nelson defendesse fortemente seu trabalho, seus textos eram proibidos ou as montagens das peças não faziam o sucesso de *Vestido de Noiva*, de 1943. [...] A falta de cerimônia com a qual o incesto é tratado deve provocar a rejeição das sensibilidades menos afeitas ao exercício do autoconhecimento sincero. O horror de admitir o incesto estimula o horror pela própria peça. (MAGALDI, 1981 p. 22).

Já que a peça havia sido publicada em formato de livro, comentários começaram a surgir a respeito do texto. Quando "O Globo" promoveu uma enquete a respeito da liberação de *Álbum de Família* para a representação nos palcos, grandes nomes opinaram e se colocaram a favor da liberação: Pompeu de Souza, Austregésilo de Athayde, Lúcia Miguel Pereira, Otávio Tarquínio de Souza, Dinah Silveira de Queiroz, Accioly Neto, Lêdo Ivo – que disse que "imoral não é a peça, mas a sua proibição" (CASTRO, 2000 p.199) -, Agripino Grieco, Rachel de Queiroz, Emil Faraht, Nelson Werneck Sodré e, principalmente, Manuel Bandeira, que disse que Nelson Rodrigues era, "de longe, o maior poeta dramático que já apareceu em nossa literatura" (CASTRO, 2000 p. 199). Alguns desses nomes sugeriram que a peça fosse apresentada apenas para "círculos privados, para um público à altura de compreendê-la" (CASTRO, 2000 p.199), já que não é possível selecionar quem lê a peça, mas sim quem a assiste.

A respeito da publicação em livro de *Álbum de Família*, Grock, citado por Pedro Dantas (1946) disse que:

Nelson Rodrigues irá editar, ao que nos consta, "Álbum de Família", em livro para que sua tragédia seja apreciada e discutida pelos homens de boa vontade. Nessa forma de brochura cairá também debaixo de olhos não preparados para encarar a vida de máscaras, brutal e impiedosa. No teatro, o filtro do "impróprio" fecharia as portas para algumas mentalidades ainda sem formação suficientemente fortes, para tirar proveito das lições reais desse episódio. E esse será um dos aspectos paradoxais de censura unilateral. Nelson Rodrigues não será culpado da "reclame" gratuita que lhe proporcionaram... (p. 304)

Cabe esclarecer que Grock era um pseudônimo utilizado por Nelson Rodrigues. Letícia Tomazella Costa (2010) diz que Nelson "costumava escrever sobre suas peças para aumentar a popularidade delas, para que as pessoas se interessassem em conhecê-las e lhes dessem sucesso e bilheteria."

Dois dos inquiridos eram a favor da interdição da peça: Jaime Costa e Tristão de Athayde. Jaime Costa inclusive disse que "se algum dia uma companhia representar essa peça, veremos pela primeira vez no Brasil o público impedir o final de um espetáculo" (CASTRO, 2000 p.199). O que não aconteceu, pois, quando a peça foi liberada pela censura em 1965 e

apresentada pela primeira vez em 1967, “ao contrário do que previra Jaime Costa, o público não impediria o final do espetáculo. E Nelson, a partir daquela interdição, começaria a escrever para si mesmo o papel que não escolhera, mas que tão bem lhe assentava: o de maldito.” (CASTRO, 2000 p.200).

4.2 *Álbum de Família*: a Recepção de um “Teatro Desagradável”

Mesmo que o público não tenha impedido o final do espetáculo, a receptividade da peça *Álbum de família* não foi das melhores. Por tratar de um assunto que é tabu: o incesto, “[...] bastou uma leitura em diagonal para que os censores ficassem de cabelo em pé. Eles nunca tinham visto nada tão “indecente” ou “doentio” [...]” (CASTRO, 2000, p. 196); o que mostra que a peça não foi bem receptiva por causa dos “valores morais”, e não pela qualidade da obra. Os conservadores acreditavam que a peça tinha atravessado as barreiras do que era “correto”, e que poderia influenciar as famílias, e que “pais e filhos seguiriam o exemplo daqueles personagens alucinados e sairiam copulando alegremente pelos lares” (CASTRO, 2000 p.196). Selesté Rosa (2009)¹ diz que “o público reage à trama conforme seus padrões éticos, ou seja, em repúdio ao incesto e a todas as anomalias que essa família possui em relação ao padrão estabelecido pela civilização”.

Magaldi diz que “era natural que o espectador, construído, na lida diária, no exercício de certa hipocrisia, não se reconhecesse na imagem projetada pelas peças” (2010), ou até mesmo não admitisse conscientemente esse reconhecimento, já que quando algo não atinge alguém, essa pessoa não se sente atacada ou ofendida. As reações da platéia às representações de *Álbum de Família* só expressam os anseios e sentimentos da própria platéia/sociedade, que se prende a padrões sociais de comportamento, códigos morais e dogmas. De acordo com Magaldi (1981), as respostas a *Álbum de Família* nada tinham a ver com questões artísticas, e sim morais. “A sociedade burguesa hipócrita, representada pela platéia, agride, pois se sente agredida pela ousadia da obra, **justamente por identificar-se profundamente com ela**” (ROSA, 2009, grifo meu), pois “[...] Nelson substituiu a sustentação psicológica habitual pelo mergulho nas raízes inconscientes” (MAGALDI, 1981 p. 22) Ainda de acordo com Rosa (2009), quando os espectadores da peça se

mostram insatisfeitos com os assuntos tratados no texto, eles também estão atuando, pois demonstram puro envolvimento com a obra.

Pedro Dantas (1946, p. 13-14) diz que *Álbum de Família* é uma tragédia

"[...] sem idade, fora do tempo e do espaço, que transcende, de muito, a estreita visão naturalista. Em rigor, essa conclusão já estaria implícita na própria classificação de tragédia. Tragédia, pois, cujos dados essenciais podem situar-se em qualquer época, em qualquer meio, pois não a anima outra força que não a de **eternas tendências humanas, levadas a suas conseqüências**, em vários planos e em vários graus. [...]" (grifo meu)

Enquanto as psicológicas mostram os conflitos internos do ser humano, as tragédias cariocas expõem a realidade, muitas vezes, amarga, principalmente do Rio de Janeiro (Nelson Rodrigues morou lá por praticamente toda a vida), mas com algumas pitadas de psicológico e mítico.

As peças míticas mostram que "a evolução dramaturgica de Nelson levava inevitavelmente a esse mergulho da inconsciência primitiva do homem [...]" (MAGALDI, 1981 p. 14), visto que tratam de assuntos muito polêmicos, que causaram pavor em muitos espectadores e críticos. De acordo com Pedro Dantas (1946, p. 13), "[...] o que houve foi o *mêdo*, o horror a uma palavra: incesto. E o avestruz em pânico enfiou os olhos na areia [...]", fazendo alusão à Censura que proibiu a encenação de *Álbum de Família*, e à sociedade conservadora em geral. *Álbum de Família* invade as casas, varre os cômodos e não deixa a "sujeira" ser escondida sob os tapetes: os espectadores se encontram nos próprios personagens e nos desejos dos personagens, isso gera raiva, gera vergonha. Gera censura.

Na declaração que deu para a revista *Dionysos*, em 1949, na qual qualificava seu teatro como "desagradável", Nelson dizia ainda que suas peças eram consideradas "pestilentas": "E por que 'peças desagradáveis'? Segundo já se disse porque são obras pestilentas, fétidas, capazes, por si sós, de produzir o tifo e a malária na platéia. [...]"³

O que mostra que o autor estava ciente da "gravidade" de seus atos. De acordo com Magaldi (2010, p. 12), essa fase "desagradável" quase levou Nelson Rodrigues ao ostracismo, seus antigos admiradores começaram a condená-lo, e "Nelson Rodrigues" virou sinônimo de "obsceno" e "tarado",

sendo que o próprio Nelson Rodrigues enxergava sua "má fama": "A partir de *Álbum de Família*, tornei-me um abominável autor. Por toda parte, só encontrava ex-admiradores. Para a crítica, autor e obra estavam justapostos e eram ambos 'casos de polícia'." (MAGALDI, 1981 p. 14). O já citado Álvaro Lins chegou a decretar que *Álbum de Família* "estava fora da literatura" (MAGALDI, 2010, p. 12). Segue parte da posição de Álvaro Lins:

[...] Sob o título "Tragédia ou farsa", Álvaro Lins publicou extenso ensaio, assim concluído: "Sem estilo, sem técnica teatral, sem imaginação e sem poesia dramática, eis que *Álbum de Família* soçobra num mar de enganos, equívocos, erros, atrapalhões e insuficiências. Sob o ponto de vista artístico, é uma obra para ser esquecida, enquanto esperamos do Sr. Nelson Rodrigues uma nova peça à altura do seu indiscutível talento criador. [...]"

Vale comentar também a apropriação que se percebe entre as obras de Nelson Rodrigues e o movimento das pornochanchadas era censurado com frequência no tempo da ditadura vivemos sob censura, não só política como moral filmes de sexo no início da década de 1970, que tratavam de temas mais vulgares, eróticos e populares. As pornochanchadas acentuam, "[...] com frequência, o tom das peças de Nelson Rodrigues [...]" (LINS, 1979 p. 54). Além disso, as pornochanchadas atraíam - e eram mais acessíveis - a uma camada menos culta da sociedade. Os iletrados e semiletrados, que não teriam condições de assistir filmes estrangeiros (apenas com legendas em português) faziam parte da grande maioria dos espectadores desse gênero. As pornochanchadas eram lotadas de erotismo, piadas de duplo sentido e malícia. A obra de Nelson Rodrigues pode não conter piadas e malícia em sua totalidade, mas está repleta de erotismo, em os sete gatinhos mostram bem isso, visto a cena de *Álbum de família* onde Glória aparece com a roupa ensopada e grudada ao corpo. O apelido de Nelson Rodrigues, "Anjo Pornográfico" não é por acaso: vários de seus textos foram adaptados para o cinema: *A Dama da Lotação* (1978), *Os Sete Gatinhos* (1981), *Perdoa-me por me traíres* (1983), entre outros.

5. Considerações finais

Quando Nelson Rodrigues escreveu *Álbum de Família*, não parece ter considerado os valores tradicionais: “ *Álbum de Família*” é uma peça suicida, que da primeira à última linha desiste do aplauso crítico e tranquilamente admite a própria destruição” (in: CAMARGO, 2013, p. 5). Podemos dizer que, em *Álbum de Família* as personagens são vistas como amorais diante da sociedade onde estão inseridos. Então verificamos que, embora a obra artística seja de grande valor, a polemica toda se deu pelo “juízo moral” da peça. Por isso defendo o que Magaldi afirma:

Ninguém, antes de Nelson, havia apreendido tão profundamente o caráter do país. E desvendado, sem nenhum véu mistificador, a essência da própria natureza do homem. O retrato sem retoques do indivíduo, ainda que assuste em pormenores, é o fascínio que assegura a perenidade da dramaturgia rodrigueana (MAGALDI, 2005, apud CAMARGO, 2013, p. 12

Álbum de Família é, incontestavelmente, uma obra polêmica e pesada e provoca discussões a respeito dos limites das criações artísticas, "por motivos de ordem moral e social" (DANTAS, 1946, p. 9). Nelson Rodrigues explicitava o que acontece entre quatro paredes na sociedade brasileira e, quando segredos são revelados para um público grande, há a polêmica. Essa é uma das grandes diferenças entre apresentar temas pornográficos no teatro e na literatura. "A pornografia do livro se dirige a um único e íntimo leitor e morre numa relação individualíssima e secreta" (RODRIGUES, 1995, p. 29) então, mesmo que haja o reconhecimento do leitor para com a situação colocada no livro, isso não é dividido com mais ninguém. Já no teatro, o espectador divide essas situações com o restante da platéia, e acaba se exaltando ao se enxergar na história.

De acordo com Freud (2016, p.128), "[...] os primeiros impulsos sexuais dos jovens seres humanos são de caráter incestuoso [...]", o que, além de ser bem explícito no texto de *Álbum de Família*, também é uma realidade em inúmeras casas, pois, de acordo com De Lima (2002), o incesto não é crime no Brasil sob o ponto de vista jurídico, se os praticantes forem maiores de idade. O tabu gerado em torno do incesto pode ser o motivo pelo qual não se fala sobre o assunto até mesmo hoje em dia, como diz De Lima (2002): "Será que a sociedade não condena as relações incestuosas ou tem dificuldade de

explicitar o problema e lidar com ele, pois o incesto é tratado como **segredo** e mantido dentro da família?" (grifo meu). Não é raro, em muitas cidades do interior do Brasil, por exemplo, onde os pais iniciam sexualmente as filhas – em grande parte menores de idade –, muitas vezes tendo filhos com essas meninas. Isso acontece, pois existe a questão de querer dominar a filha, que é vista como propriedade. Eles quiseram possuir as meninas e subjugá-las aos seus domínios. “Nós nos horrorizamos, porque, pelas normas, pai é proteção.”. Proteção essa que, nesses casos, se torna exploração assim como tios que se relaciona com sobrinhas e irmãos com irmãs.

Álbum de Família é uma obra com vigor poética, e com tudo que o brasileiro encara no cotidiano: sexo, intrigas e traições. Obra de qualidade e profundidade que até hoje escandaliza o público mais conservador – e até aquele nem tão conservador assim –.

Segundo a fala da atriz Fernanda Montenegro, que conviveu e trabalhou com Nelson Rodrigues por muitos anos no cinema e no teatro –fez *A Falecida* no cinema(1965) e no teatro estrelou *beijo no asfalto*–, e que em entrevista ao *Fantástico*³, disse

Ele é maior que tudo, isso talvez ele seja maior que ele mesmo. Ele é o único autor brasileiro de teatro que em algum lugar deste país está sendo apresentado em algum curso de teatro. Neste país Nelson está sendo visto, amado, estudado, pena que ele não viu isso em vida. Nelson Rodrigues é necessário porque é um homem que fala a nossa contradição de cidadão brasileiro.

Pudemos entender nos textos aqui estudados que nossa crítica ainda estava, no período em que Nelson Rodrigues surgiu e se afirmou como dramaturgo, em processo de evolução bastante diferente do que se vê nos dias atuais. Nelson Rodrigues raramente foi citado apenas como um autor que ora era bom, ora não, ou ele era inovador, gênio, o revolucionário da dramaturgia brasileira, ou era um autor maldito, pornográfico, criador de um “teatro desagradável”. Vilão ou Herói este trabalho nós trás um pouco do que se pode ler da obra de Nelson Rodrigues, um pouco do que ele foi para sua época, um

pouco do que a política, a cultura e a sociedade da época. A crítica pode destruir um autor ou fazer um milagre que é o sonho de muitos homens: torná-lo eterno. Nelson Rodrigues tornou-se, por meio da mesma crítica que estudamos um autor imortal.

Lendo as quatro peças míticas constatei que o incesto é um tema muito presente em sua dramaturgia, o qual assume diversas variações, quando li Álbum de *Família* na faculdade achei instigante.

Observei que nessa peça as relações sexuais incestuosas tomam direções absolutamente surpreendentes. Julguei ser um experimento sem precedentes, pelo menos para a minha bagagem como atriz. Quando menos esperava, encontrei-me obcecada em estudar sobre o incesto. Ao longo dos séculos, o incesto vem sendo um tabu disseminado em quase todas as sociedades, inclusive na nossa. Decidi, fazer uma leitura psicanalítica. Descobri que as suposições de Freud embora fossem opostas, foram de grande relevância para que compreendesse não somente a complexidade do incesto, mas o próprio universo do teatro rodriguiano.

No meu ponto de vista o espectador que atacava a peça sentia se como se elas fossem um retrato realista da própria vida. A censura e o espectador foram iludidos e atacaram a peça por ser ofensiva á moral e a família cristã não sabendo separar a realidade da ilusão de um mundo imaginário.

Na obra Nelson ao invés de dar uma punição a seus personagens resolveu dar a eles um destino trágico para aqueles que violaram as regras da exogamia, é evidente o desejo e a tragédia em Álbum, pois os personagens que praticaram ou tentaram praticar o incesto acabaram morrendo ou foram a loucura.

Nos dias de hoje, vivemos numa sociedade que claramente condena o incesto. Mas a mesma sociedade que o odeia é a que clandestinamente o pratica, pois tanto a Antropologia quanto a Psicanálise são unânimes em afirmar que o desejo incestuoso é um dos elementos que compreendem a aptidão das práticas sexuais do homem primitivo.

Vivemos numa sociedade cuja função dos pais, consiste em amar, educar e zelar pela vida, o que não inclui sexo entre pais e filhos. Mas certamente, muitos de nós já ouvimos ou presenciamos famílias cujo pai mantinha relação sexual com a filha, e assim por diante. Neste caso *Álbum de Família*, desmascara a sociedade quando resolve problematizar o incesto de Jonas com a filha Glória e dos outros personagens.

Não podemos ignorar que *Álbum de Família* se apresenta como um mundo pequeno da sociedade, a mesma cuja a mídia não se cansa em noticiar, pais mantendo filhas prisioneiras de seu assedio sexual, chegando ao ponto de engravidar. Assim é evidente que, ao problematizar as relações incestuosas da peça *Álbum de Família*, Nelson Rodrigues não faz outra coisa, senão desmascarar a sociedade, revelando que ela própria traz em si aquilo que ela proibiu, vomita, ou seja, o incesto.

Referências

CAMARGO, Luís Rogério. **O Teatro Desagradável Numa Peça de Nelson Rodrigues**. Programa de Apoio à Iniciação Científica - PAIC 2012-2013. FAE - Centro Universitário. Disponível em:

<<https://cadernopaic.fae.edu/cadernopaic/article/viewFile/43/42>> Acesso em: 16/02/2018.

CARRARA, K. (org.) **Introdução à Psicologia da Educação: Seis Abordagens**. São Paulo: AVERCAMP Editora, 2007.

CARVALHO, Lucas Souza. **A dramaturgia de Nelson Rodrigues e o desejo proibido: Uma análise de Álbum de Família e A Serpente**. 2014, 61fl. Monografia (Bacharelado em Artes Cênicas) - Instituto de Artes, Universidade de Brasília, Brasília, 2014. Disponível em: <http://www.bdm.unb.br/bitstream/10483/10506/1/2014_LucasSouzaDeCarvalho.pdf>

CASTRO, Ruy. **O anjo pornográfico: a vida de Nelson Rodrigues**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

COSTA, Letícia Tomazella. **A fortuna crítica de Vestido de Noiva e Álbum de Família, de Nelson Rodrigues: casamento e/ou divórcio?**. 2010, 175fl. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Campus São José do Rio Preto, São José do Rio Preto, 2010.

DANTAS, Pedro. (prefácio) in: RODRIGUES, Nelson. **Álbum de Família e Vestido de Noiva**. Rio de Janeiro: Edições do Povo, 1946.

FREUD, Sigmund. **Totem e Tabu: Algumas concordâncias entre a vida psíquica dos homens primitivos e a dos neuróticos**. Tradução de Paulo César de Souza - 1ª edição - São Paulo: PenguinClassics Companhia das Letras, 2013.

INCESTO. In: **Dicionário Michaelis da Língua Portuguesa**. Editora Melhoramentos Ltda, 2015. Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/busca?id=Wo1PL>>

LIMA, Antônio Carlos de. **Por que o incesto não é crime no Brasil?**. In: **Âmbito Jurídico**, Rio Grande, III, n. 10, ago 2002. Disponível em: <http://www.ambito-juridico.com.br/site/index.php?n_link=revista_artigos_leitura&artigo_id=4574>. Acesso em fev 2018.

LINS, Ronaldo Lima. **O Teatro de Nelson Rodrigues: uma realidade em agonia**. Rio de Janeiro: F. Alves, 1979.

MAGALDI, Sábado. **Nelson Rodrigues: Dramaturgia e encenações**. São Paulo: Perspectiva, 2010.

_____. Prefácio. In: RODRIGUES, Nelson. **Teatro completo de Nelson Rodrigues, 2: peças míticas**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.

MATOS, Gil. **O teatro moderno de Nelson Rodrigues**. 2016. Disponível em: <<http://profgilmattos.com.br/o-teatro-moderno-de-nelson-rodrigues/>> Acesso em: 28/12/2017

RODRIGUES, Nelson. **Teatro completo de Nelson Rodrigues, 2: peças míticas**. Organização e introdução de Sábado Magaldi. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.

_____. **A Cabra Vadia**. Seleção de Ruy Castro. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

ROSA, SelestMichelsda. **Álbum de Família**: uma tragédia moderna. Revista Odisseia – PPgEL/UFRN, 2009. Disponível em: <<https://periodicos.ufrn.br/odisseia/article/view/2036/1471>> Acesso em: 28/12/2017